

Rubem Braga

Radio ME 12.562
DN 9.7.64
M 521, 522
FLU, 23 77
RN 29, 31, 32

“AVANTE, SENHOR, QUE TUDO É VOSSO!”

“AVANTE, Senhor, avante, que tudo é vosso!”

Estas palavras, quem as disse foi o mōço fidalgo Cristóvão de Távora; e se o pobre Péricles não tivesse morrido eu lho proporia como bom modêlo de “amigo da onça” no século XVI. Quem tais palavras ouviu foi o Rei D. Sebastião, dito “o Desejado”, metido em sua armadura nova, de tons azulados, perfilada de ouro; isso aconteceu a 4 de agosto de 1578, a poucas léguas da cidade de Alcácer-Quibir.

Foi o Rei avante, e se perdeu; com êle a fina flor da nobreza de Portugal fêz-se matar ou prender pelos mouros. Foi o Rei avante, e com isso perdeu o Reino a sua independência, pois dois anos depois ficou sob o mando de um rei de Espanha; e o nosso Brasil também. Justiça seja feita ao “puxa” Cristóvão, que ficou ao lado do Rei aquêle dia, até cair morto; não, não era um verdadeiro “amigo da onça”. É claro que, vivendo hoje neste Reino do Marrocos, eu quis conhecer melhor a história dessa batalha; e, como Hércules Poirot ou o comissário Maigret, achei melhor começar por ver o local do crime. Fui lá duas vêzes, e não vi, pois levava cartas erradas. Voltarei; agora sei que de Arzila para o Sul o Rei não seguiu o traçado da atual estrada de rodagem, mas aproximadamente o da atual estrada de ferro. Só que ao chegar ao rio Mocazim não atravessou a ponte, chamada de Alcácer, que havia naquele tempo, e ainda há. Seguiu pela margem esquerda do rio e o vadeou um pouco mais abaixo; era agosto e o rio estava raso, dava passagem na maré baixa. Era agosto, mês de desgosto; e, como diria Manuel Bandeira, fazia um calor danado.

“Que importa o areal e a morte e a desventura

Se com Deus me guardei?”

O verso, posto na boca de D. Sebastião, é de Fernando Pessoa; e a concordância me parece bonita, com o verbo no singular agüentando três substantivos. Sim, o verso está certo. O que está errado é um dos substantivos, o areal, pois ali não há areal nenhum.

“Por isso onde o areal está

Ficou o meu ser que houve, não o que há”.

Outros versos de outro poema em que o mesmo poeta fala no areal, que não houve, nem há. Aquela zona, embora tão perto do mar, é uma planície fértil, coberta de árvores ou de lavoura desde aquêle tempo, em que ali já havia pelo menos um sobreiral (de sobreiros, árvore de cortiça) e um milharal, pois um cronista diz que a artilharia marroquina ficou escondida em uma plântação de milho. Mas falou de Marrocos, todo mundo logo pensa em areal. Falar nisso, em que ano o milho atravessou o Atlântico? Será que àquela altura êle já tinha vindo da América para a Europa e chegado até a África? Não sei, não ponho a mão no fogo por nenhum cronista antigo; e moderno, muito menos. Outro cronista, em vez de milho, fala em ramos de árvores que os mouros puseram sôbre os canhões para simular uma grande moita, em uma prega do terreno.

Mas vejo que me perdi em detalhes e não tenho mais espaço para contar a batalha. Talvez o faça na semana que vem; mas posso confirmar desde logo que o Rei morreu. Tinha 24 anos, era um rapaz. E fazia um calor danado.

521-14-4-62